

HAROLDO DE CAMPOS : APRESENTAÇÃO

Selma Calasans Rodrigues

Haroldo de Campos (1929-2003) é o poeta, tradutor e crítico brasileiro que criou o movimento da poesia concreta (1956), juntamente com Augusto de Campos e Décio Pignatari – a quem prestamos uma homenagem com a publicação do seu *O afreudisiáco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura*¹). O movimento por eles criado se propunha a prosseguir a revolução iniciada por Mallarmé, retomada por Ezra Pound, James Joyce, Cummings, inspirados na concretude dos ideogramas chineses e na valorização do espaço em branco da página.

Aprofundando esses princípios fundadores da poesia concreta, Haroldo de Campos enveredou pelo campo da tradução criativa, paralelamente ao ensaio e à evolução da sua própria poesia. Essa poesia que acabou por se tornar, ao longo do tempo, menos contida, menos espacial, menos concreta... e mais barroca. Sem renunciar, porém, aos postulados básicos primeiros. Assim é, por exemplo, o livro *Galáxias*, de 1984, ano da publicação. Sobre *Galáxias* diz Octávio Paz, o poeta mexicano: “Tus textos son verdaderas galáxias: fosforecencias semánticas entre lo blanco del papel y lo negro (...) Me gustaría escoger como divisa el final del primer fragmento: ‘el vocablo es mi fábula’².”

A partir deste mote “o vocábulo é minha fábula”, é fácil introduzir as afinidades entre Haroldo de Campos e Jacques Lacan: ambos se voltaram para a linguística, a ciência em voga em sua época (anos 50, 60 em diante do século passado), ambos inverteram a equação de Ferdinand de Saussure que colocava o significado acima do significante, privilegiando, assim, o significante. Ambos leram linguistas e semiólogos de sua época, como Roman Jakobson (de quem Campos aproveitou muitas lições, como a função

¹ Haroldo de Campos. *O afreudisiáco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura)*. Ensaio que foi lido primeiramente em Salvador, Bahia, na Fundação Casa de Jorge Amado, publicado pela mesma instituição, 1990.

² Paz, Octávio e Campos, Haroldo. *Transblanco* (em torno a Blanco de Octávio Paz). Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

poética da linguagem, a importância da paronomásia), bem como Charles S. Peirce e Max Bense.

Devemos sublinhar que o trabalho de tradução criativa ou de transcrição (*sic*) de Haroldo de Campos decorre dessa corrente. Foi, é imenso. Para cada obra que traduziu, ele estudou a respectiva língua (a cultura, a literatura). Saliento algumas de suas traduções: *Transblanco*, que reúne a transcrição do longo poema Branco de Octávio Paz e outros poemas, críticas etc; *Panorama de Finnegans Wake*; *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*; *Qohélet, O que sabe* (tradução do Eclesiastes); *Bere'shit* (Gênesis); *Dante-Paraíso* (seis cantos); Maiakovski, Pound, Homero e outros.

O trabalho que ora se publica sobre Jacques Lacan (Freud incluído) mostra o alcance da compreensão do famoso estilo, particularíssimo do psicanalista francês, pelo poeta brasileiro. Campos compreendeu bem que para Lacan “O ‘idiomaterno’ – LALÍNGUA – nos ‘afeta’ com ‘efeitos’ que são “afetos” (...), mostrando que sabe jogar com mestria o jogo que enuncia.” (Campos, 1990).

Anexo ao trabalho vem um fragmento da obra de Haroldo de Campos, *Galáxias*, “passatempos e matatempos” que foi lida na ocasião em que fez a conferência. Por esse texto plural (cf. Barthes) o leitor poderá ter uma noção do nível de criação operada no significante pelo poeta. Diz ele que terá partido de resíduos de *Macunaíma*, o herói sem nenhum carácter, obra de Mário de Andrade, autor do modernismo brasileiro. É uma saga de um anti-herói, que percorre o Brasil inteiro em aventuras, em busca de um equivalente ao “velocino de ouro” que é a sua perdida “muiiraquitã”. A leitura de *Macunaíma* a partir de Propp, foi a tese de Doutorado de Haroldo de Campos.

Deixo ao leitor a fruição do texto, a fala do poeta, de “o que sabe”...